

## ***Eleuthería e Isonomía à luz da alétheia na narrativa de Heródoto***

Sonila Morelo\*  
[sonila.prof@newtonpaiva.br](mailto:sonila.prof@newtonpaiva.br)  
Programa de Pós-Graduação em História, UFMG

### O SALTO DE ÁRION

A história do ‘salto de Árion’, contada por Heródoto, é uma entre muitas narrativas em que o diálogo entre historiador e ouvinte-leitor é pautado pelo caráter relativo das percepções sobre conceitos como *nómos* e *alétheia*. Árion é um poeta e cantor, um aedo nascido em Lesbos e que esteve durante a corte de Periandro na cidade de Corinto para exercer sua profissão. Ao conseguir acumular alguma riqueza, Árion contrata uma tripulação para levá-lo a Tarento. Entretanto, os marinheiros corintos que conduziam a embarcação, visando obter a riqueza de Árion, obrigam-no a pular no mar. O alto mar tornara-se, então, um território em que os valores sociais presentes na cidade são desprezados pelos piratas do navio. Eles abandonaram seus costumes, aquilo que fazia deles uma comunidade. Jogaram fora aquilo que demarcava a diferença entre a comunidade humana e a não-humana. Árion, não tendo outra opção a não ser jogar-se no mar, poderia simplesmente ter tirado sua vestimenta e cumprido as determinações que lhe foram impostas. Mas Árion era um artista, e nesse momento de perigo opta por utilizar sua capacidade criativa e faz um último pedido aos piratas. Deseja vestir sua roupa mais bonita e cantar uma canção antes de saltar no mar, no que é prontamente atendido por seus algozes. Quando Árion salta no mar, atraído por seu belo canto um golfinho surge e salva o

aedo, conduzindo-o para a superfície. Árion foi salvo por si mesmo, pela reafirmação de sua cultura e seu caráter criativo em um momento de perigo. O golfinho, persuadido pela canção, faz um gesto que coloca em cheque os conceitos que delimitam a comunidade humana e a não-humana.<sup>1</sup> O golfinho é o paradoxo do que se convencionou irracional e racional, natureza e cultura, o animal e o humano. Periandro mandou construir uma imagem de Árion e o golfinho e esta é, sem dúvida, uma das mais belas imagens produzidas pela antigüidade.

A leitura da obra *Histórias* mostra que a relação entre o historiador e seu ouvinte é um diálogo constante em que a liberdade para aceitar ou não as versões narradas sobre os acontecimentos é respeitada. A narrativa de Heródoto é um constante convite a escolher, dentre as diferentes versões apresentadas, a que parecer mais convincente: [...] *cada um é livre para aceitar a opinião daqueles que o convençam.*<sup>2</sup> O interlocutor desse historiador é, sobretudo, livre para escolher, dentre as diferentes versões, aquela que for mais convincente, que possuir maior capacidade de persuadir – *tis peíthetai autôn*. Ele é convidado a seguir os passos do historiador, de seguir as pistas encontradas nos relatos dos testemunhos e, então, fazer uma escolha e entender os acontecimentos a partir de uma reflexão própria.<sup>3</sup> Para Darbo-Peschansky:

Heródoto não requer a imagem de um historiador que detém isoladamente o saber verdadeiro, segregado das multidões que prejudicam o seu trabalho, da mesma

---

\* Professora de História Antiga e Medieval do Unicentro Newton Paiva.

<sup>1</sup> Tomei de empréstimo a primorosa versão “Arion’s Leap” reproduzida por: THOMPSON, Norma. *Herodotus and the Origins of the Political Community. Arion’s Leap*. Yale: Yale University, 1996.p.167.

<sup>2</sup> HERÓDOTO. V,45.

<sup>3</sup> DARBO-PESCHANSKY, Catherine. *O discurso do particular. Ensaio sobre a investigação de Heródoto*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p.212.

forma que prejudicam o trabalho do político, a menos que este saiba, como Péricles, por freios a uma igualdade que se tornou nociva.<sup>4</sup>

Heródoto não se julga mais capaz que seu ouvinte-leitor de estabelecer um veredicto final a partir das informações que lhes são apresentadas. Na verdade, estabelecer um veredicto final não é o objetivo primeiro desse historiador, mas sim preservar do obscurecimento (*akléia*), pela forma escrita (*grafé*), os feitos tanto dos gregos, quanto dos bárbaros. A igualdade entre os feitos de gregos e bárbaros fica explícita, portanto, nas suas intenções primeiras. É essa relação de liberdade e de igualdade que produz um efeito de encantamento e mostra seu comprometimento com a história. Para uma compreensão do significado de verdade ou *alétheia* na obra de Heródoto, deve-se levar em consideração a relação do historiador e seu ouvinte-leitor pautada na liberdade e na igualdade e, ainda, compreender suas proposições metodológicas e seu compromisso social e político enquanto historiador. Para responder a questões sobre o significado das palavras *eleuthería* (liberdade) e *isonomía* (igualdade) em contraponto com *alétheia* propõe-se a verificação do contexto em que essas são utilizadas pelo historiador, ou seja, a partir do quadro político descrito por Heródoto objetiva-se estabelecer possíveis relações entre essas palavras.

Verificando as ocorrências de *eleuthería* e suas derivações na obra *Histórias*, constata-se uma frequência bastante significativa em que sua utilização está vinculada a *týrannos* e a *doúlos*. E, ainda, pode-se conferir sua ocorrência no contexto da utilização da

---

<sup>4</sup> Ibidem. p.217.

palavra *alétheia*. Em relação à palavra *isonomía*, sua ocorrência é particularmente importante, apesar de sua frequência restrita.<sup>5</sup>

De forma sucinta, a opção política de Heródoto é modelada em sua narrativa de duas formas. A primeira caracteriza-se por sua intervenção direta, em que sua opinião é expressa, e, na outra, dá-se voz às personagens de suas *Histórias*. Essas duas formas narrativas possuem em comum a relação estabelecida entre o historiador e seu público, relação pautada pela palavra-diálogo em que o argumento é relativo à sua capacidade de persuadir. É a partir dessa perspectiva que se propõe a análise das passagens em que as palavras *eleuthería*, *isonomía* e *alétheia* são utilizadas pelo historiador.

## DIÁLOGOS

Sobre a primeira forma de intervenção do narrador, *in propria persona*, tem-se quatro exemplos significativos na obra *Histórias*.<sup>6</sup> O mais conhecido é, sem dúvida, o encômio de Atenas. Na análise sobre uma possível opção política de Heródoto e qual a influência desse posicionamento em relação à narrativa, o referido encômio de Atenas é de fundamental importância. A opinião de Heródoto sobre a vitória grega sobre os bárbaros é a seguinte:

Sinto-me levado a expor aqui a minha opinião, e, muito embora me exponha à ira de muitos, não dissimularei o que parece, a meus olhos [*moi pháinetai*], a verdade [*alethés*]. [...] Não estaremos longe da verdade [*alethés*] se dissermos que os

---

<sup>5</sup> As ocorrências verificadas são: *eleuthería* em oposição à tirania (I,62; IV,137; V,49,55,62,63,66,78; VI,5,123), *eleuthería* em oposição à *doulos* (I,95; IV,142; V,49; VI,11; VII,135), *eleuthería* e *alétheia* (VI,123; VII,139; VIII,77), *isonomía* em oposição à tirania (III, 80-83; V,37), *isegoría* (III,78), *democracia* em oposição à tirania (VI,43).

<sup>6</sup> HERÓDOTO. V,66,78 e 91; VII,139.

Atenienses foram os salvadores da Grécia. [...] Escolhendo a liberdade [eleuthéren] da Grécia, insuflaram coragem em todos os Gregos que ainda não se haviam manifestado favoráveis aos Persas; e foram eles que, depois dos deuses, repeliram o rei.<sup>7</sup>

Segundo Evans, o veredicto de Heródoto foi considerado como a prova de que Heródoto era partidário de Atenas e, possivelmente, também de Péricles. Agora, diz Evans, isso esmoreceu graças ao importante artigo de Strasburger que combate a ênfase dada por Jacoby ao comprometimento de Heródoto com Atenas. Myres interpretou o veredicto apenas como uma opinião e Fonara o considerou como uma evidência de que Heródoto estava envolvido, embora pouco engajado para um propagandista ateniense.<sup>8</sup>

É importante dizer que, para Evans, não existe nenhuma evidência de que Heródoto seja um partidário de Péricles<sup>9</sup>, e que sua simpatia pelos atenienses implica numa outra questão. No começo da Guerra do Peloponeso ambos os combatentes procuravam uma justificação moral; os espartanos diziam ser os libertadores da Grécia, ao passo que os atenienses apontavam sua participação na Guerra Pérsica e clamavam que a hegemonia poderia ser colocada sobre eles, se seus aliados não estavam satisfeitos com a liderança de Esparta. É no contexto dessa propaganda, diz Evans, que devemos examinar o encômio de Heródoto, pois é somente ali que Heródoto se dirige aos seus leitores diretamente e coloca sua opinião de forma clara: Atenas escolhendo o lado da liberdade salvou a Grécia do jugo Persa.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> *Idem.* VII,139.

<sup>8</sup> EVANS, J.A.S. "Herodotus and Athens: The evidence of the encomium." In: *Antiquité Classique*, XLVIII, 1979. p.114.

<sup>9</sup> A análise pela qual Heródoto seria partidário da política de Péricles encontra-se, particularmente, nos estudos de Eduard Meyer. Ver: VERDIN, H. "Hérodote Historien? Queles interprétations récentes." In: *L'antiquité Clasique*. XLIV, 1975. (p. 668 – 685) p.678.

<sup>10</sup> *Ibidem.*

De fato, Atenas teve a oportunidade de fazer uma escolha, e se optasse pela aliança com os persas comprometeria a liberdade das cidades gregas. Nesse sentido, Heródoto tem razões suficientes para afirmar que os atenienses escolhendo a liberdade, salvaram a Grécia do jugo persa. *Atenas fez uma escolha, que foi um ponto de virada na história e nós podemos argumentar que Heródoto pensava ser seu dever como historiador apontar e dar crédito onde esse era devido [...].*<sup>11</sup> Esparta fez a mesma escolha, mas sua participação na guerra foi, aos olhos de Heródoto, menos significativa do que a de Atenas.<sup>12</sup> Entretanto, a diferença entre Esparta e Atenas não reside na escolha, mas na ação de convencimento de outras cidades em optar pela liberdade da Grécia e é esse o mérito dos atenienses, segundo Heródoto.

O poder de convencimento pela argumentação em favor da liberdade é uma ação, de acordo com a narrativa do historiador, ateniense. Na política grega, de maneira especial em Atenas, o discurso ou *lógos* tem uma função fundamental para o desenrolar dos acontecimentos, é a ação primeira. O poder, na democracia ateniense, está intimamente relacionado com o *lógos* e sua capacidade de persuasão, *Atenas age falando.*<sup>13</sup>

A contribuição de Atenas na guerra entre os gregos e os bárbaros, não se restringe, portanto, às ações em que o principal instrumento são lanças ou espadas. A outra contribuição de Atenas que deve ser considerada é o convencimento à participação de cidades que ainda não haviam se decidido em prol da liberdade da Grécia, através de um

---

<sup>11</sup> Ibidem. p.113.

<sup>12</sup> HERÓDOTO. VIII,17; IX,105.

<sup>13</sup> CASSIN, B., LORAUX, N., DARBO-PESCHANSKY, C. *Gregos, Bárbaros, Estrangeiros. A cidade e seus outros*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p.50. O sentido original da palavra *krátos* ou seja, superioridade ou predominância no combate ou na assembléia, confirma a relevância do *lógos* no estabelecimento das relações

*lógos*. A ação pelo *lógos* pode ser apreendida ainda em relação à previsão oracular ‘inflexível como diamante’ que atestava um futuro pouco promissor à liberdade da Grécia, segundo interpretações correntes.<sup>14</sup> Nesse sentido, o *lógos* ateniense é importante tanto em relação à vitória no campo de batalha quanto à vitória em relação à uma suposta verdade oracular. No entanto, negligenciar o carácter relativo da previsão oracular à sua interpretação seria comprometer a instituição religiosa e não se pode assegurar que esse era o objetivo de Heródoto. Temístocles afirma, por exemplo, que os interpretes não haviam encontrado o significado verdadeiro do oráculo e propõe um novo sentido para as palavras da Pitonisa que é aceito, na medida em que convence os gregos a lutar pela liberdade.<sup>15</sup>

Se por um lado a fala oracular manifesta-se inflexível como diamante, mas depende da interpretação que lhe é conferida, por outro pode-se perceber a dupla utilização do adjetivo *alethés* pelo historiador para sublinhar a importância do gesto ateniense. A opinião política do historiador é afirmada então pela colocação de sua fala na primeira pessoa, *moi phainetai*, e pela ênfase através de *alethés*. A liberdade da Grécia é, aos olhos de Heródoto, uma realidade que deve ser interpretada tendo em perspectiva a ação ateniense por volta de 480 a.C.

O encômio de Atenas, segundo Evans, tem implicações políticas mais amplas e para compreendê-las deve-se levar em consideração o contexto em que Heródoto o escreveu. *Dizer, por volta de 461a.c., que Atenas salvou a Grécia poderia, talvez, ser tomado como um veredicto justo de um historiador. Mas, dizer isso em 430 a.C. era dar justificação*

---

de poder. Ver: BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-européias*. São Paulo: Unicamp, 1995.p.71.

<sup>14</sup> HERÓDOTO. VII,141.

<sup>15</sup> HERÓDOTO. VII,143.

*moral para o imperialismo ateniense.*<sup>16</sup> A data em que o encômio foi escrito é, de fato, importante para uma análise do envolvimento e comprometimento social e político do historiador. Afinal, as medidas administrativas adotadas por Atenas em certo momento de sua liderança na Liga de Delos possuem contornos que se definem autoritários pela utilização da força militar em prol do cumprimento de suas imposições em relação às cidades ‘aliadas’, fatos que depõem contra o ideal teórico político de Atenas em que a *eleuthería* e a *isonomía* encontram-se em primeiro plano.

Segundo Finley, de fato, a atitude ateniense enquanto líder da Liga de Delos deve ser reconhecida como imperialista a partir da constatação de acontecimentos como: restrição da liberdade de ação nas relações entre as cidades, interferência política, administrativa e/ou jurídica nos negócios internos, serviço militar e/ou naval compulsório, pagamento de alguma forma de tributo, confisco de terras, controle dos mares e regulamentação de navegações, até a entrega compulsória de mercadorias a preços inferiores aos de mercado, e outras similares.<sup>17</sup> Para o autor, entretanto, não se pode afirmar que havia, desde a criação da Liga de Delos em 478 a.C., um programa imperialista definido, e que é quase impossível definir o momento exato em que a associação voluntária de Estados se converteu em uma forma imperialista de poder. Um equívoco comum, apontado por Finley, é a preocupação de alguns historiadores em datar essa conversão em 454 a.C., ano em que o ‘tesouro da Liga’ foi transferido de Delos para Atenas, ação que deve ser interpretada apenas como um símbolo, segundo o autor.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> EVANS, J.A.S. *Op.cit.* p.114.

<sup>17</sup> FINLEY, M. I. “O império Ateniense: um balanço.” In: *Economia e sociedade na Grécia antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Passim.

<sup>18</sup> *Ibidem*.



Em relação ao encômio, Evans aponta três razões para datá-lo em 430 a.C. Nenhuma dessas razões isoladamente constitui uma prova absoluta, mas cumulativamente colocam um ponto firme sobre a questão.<sup>19</sup> Entretanto, se sua composição remete a 430 a.C., a ação ateniense descrita por Heródoto ocorreu, de fato, por volta de 480 a.C. É portanto essa verdade que é enfatizada. Mas, se a história é uma ação no e pelo tempo presente, o encômio é testemunho da opção política e ideológica do historiador. Trata-se de uma opção que deve ser analisada no conjunto da obra e não apenas a partir de uma passagem. Evans conclui que o fato mais relevante é que em 480 a.C. Atenas foi de fundamental importância para a liberdade da Grécia e isso não poderia ser menosprezado pelo historiador.<sup>20</sup>

Outra ocorrência importante das palavras aqui estudadas encontra-se no livro V, 66 e 78 em que Heródoto afirma: *Atenas, que já era grande, tornou-se ainda maior quando se livrou dos tiranos[...]*<sup>21</sup> e depois:

O poderio de Atenas tornou-se maior, o que demonstra (*deloi*), não apenas em uma instância, que a igualdade (*isegorie*) é uma instituição virtuosa (*espoudaion*); [...] e quando se livrou dos tiranos ela se tornou (*eguenento*) a primeira (*prôtoi*) e a maior (*makrô*) de todas. Isto mostra (*deloi*) que [...] tornando-se livres (*eleutherothenton*) cada um se dedicou com mais cuidado ao trabalho, porque não tinham mais que se submeter a um senhor (*despôte*), mas a si mesmos.<sup>22</sup>

Evidencia-se nesse trecho da narrativa que Heródoto possuía uma noção clara dos acontecimentos referentes à história de Atenas, sobre as transformações políticas – da tirania para a democracia – e as implicações sociais no quadro político da Grécia. De fato,

---

<sup>19</sup> EVANS, J.A.S. *Op.cit.* A primeira é o fato do *encomium* ser imediatamente precedido de um evento que pode ser datado em 430 a.C., ou seja, a menção de Aristéia, filho de Adeimanos.

<sup>20</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>21</sup> HERÓDOTO. V,66.

<sup>22</sup> *Ibidem.* V,78.

enquanto Atenas esteve sob o poder da tirania, houve uma prosperidade significativa, e essa cidade tornou-se uma referência cultural (os poemas órficos foram compilados e as epopéias homéricas editadas)<sup>23</sup> e política (Atenas veio a reforçar suas posições no mar Egeu e na região do Helesponto).<sup>24</sup> Segundo Mossé, Pisístrato e seus descendentes, ao mesmo tempo que reforçavam seu próprio poder, deram à cidade-estado uma coesão que Atenas não conhecia.<sup>25</sup> Como ressalta Heródoto, Atenas era grande e poderosa antes da implementação da democracia.

É imprescindível perceber, entretanto, que no contexto da revolta jônica a utilização da palavra *eleuthería* está associada, com conotação oposta, à palavra tirania. Em relação a essa oposição constata-se uma mudança de concepção do sentido original da prática tirânica de poder. Segundo Dabdab Trabulsi, a tirania em sua origem identifica-se com o desmoronamento de uma ordem aristocrática e caminha ao lado da difusão do dionisismo.<sup>26</sup> A festa ao deus Dionísio constitui um momento singular de supressão das diferenças: na festa todos participam em condições de igualdade e é isso que torna possível a subversão da ordem.

A participação intensa das mulheres no seu culto, assim como a dos escravos, é reveladora dos perigos que ele representa para a ordem poliáde. A presença de Dionísio provoca em especial um apagamento geral das diferenças, fonte de toda hierarquia.<sup>27</sup>

Os estudos realizados por Claude Mossé e por Dabdab Trabulsi demonstram que a política adotada pelos tiranos arcaicos, de maneira especial em Atenas, tende a quebrar o

---

<sup>23</sup> MOSSÉ, Claude. *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*. Lisboa: Edições 70, 1989. p.184.

<sup>24</sup> *Ibidem*. p.185.

<sup>25</sup> *Ibidem*

<sup>26</sup> TRABULSI, José Antônio Dabdab. "Crise social, tirania e difusão do dionisismo na Grécia arcaica." In: *Revista de História*. São Paulo: USP, 1984. p.93.

monopólio aristocrático, e revelam que tanto os tiranos quanto os legisladores, nesse período, se inserem no mesmo processo de alargamento da base política da cidade, na medida em que contam com o apoio do *dêmos*.<sup>28</sup> Resumidamente, a tirania foi, em sua origem, uma solução encontrada para atender uma demanda popular de superação da crise agrária e política; em outras palavras, foi a materialização da coligação dos interesses dos novos ricos com os dos desprovidos, que passaram a lutar contra a oligarquia que detinha o controle da terra e do poder.<sup>29</sup>

Em I, 62, Heródoto observa que *a tirania era preferível à liberdade* para alguns atenienses, na época de Pisístrato. Nesse contexto, a palavra *eleuthería* possui significado claro de oposição à tirania e indica um regime livre, ‘constitucional’.<sup>30</sup> A leitura dessa passagem revela que, para Heródoto, a tirania em Atenas desde Pisístrato possui traços em que a liberdade é limitada pela figura do tirano. Mas a oposição entre tirania e *eleuthería* é uma construção que ficará evidente por volta do século V a.C., a partir de práticas autoritárias realizadas pelos tiranos, como explicita Heródoto em seus relatos.

Existe, de maneira geral, uma mudança de comportamento político e administrativo do tirano, que a princípio *governava mais como um bom cidadão do que como um tirano*,<sup>31</sup> como observa Aristóteles em relação a Pisístrato de Atenas. De acordo com Heródoto,

---

<sup>27</sup> Ibidem. 1984. p.89.

<sup>28</sup> Ibidem. p.97; MOSSÉ, C. *Op.cit.* p.178-186.

<sup>29</sup> ROCHA, Maria Cristina de Caldas Freire. “A palavra como prática política na democracia ateniense.” In: *Phoínix*, Rio de Janeiro: livraria Sette Letras, 1995. *Op.cit.* p.115.

<sup>30</sup> HERÓDOTO. I,62. HERÓDOTO. *Histórias, livro I*. Introdução, tradução e notas de FERREIRA, José Ribeiro. e SILVA, Maria de Fátima. Lisboa: Edições 70, 1994; *Histórias, livro III*. Introdução, tradução e notas de SILVA, Maria de Fátima. e ABRANCHES, Cristina. Lisboa: Edições 70, 1997. (Ver nota 88 dos tradutores)

<sup>31</sup> ARISTÓTELES. *A Constituição de Atenas*. Tradução e comentários de PIRES, Francisco Murari. São Paulo: Hucitec, 1995.p.41.

*Pisístrato governou os atenienses sem causar distúrbios nos cargos existentes e sem alterar as ordenações, antes conduziu a cidade respeitando as instituições e ordenando-a bela e excelentemente.*<sup>32</sup>

A mudança fica evidente nos exemplos citados por Heródoto em que o fator de maior relevância é a sobreposição da autoridade do tirano em relação às leis, ao *nómos*. O tirano assume uma posição de isolamento em relação aos costumes, ou às leis, não existindo um fator que imponha limite ao seu poder. Entre os tiranos citados por Heródoto - Pisístrato de Atenas e seus descendentes, Clístenes de Sícion, Polícrates de Samos, Creso da Lídia, Gelon de Siracusa, entre outros - é Periandro, sucessor de Cípselo no poder em Corinto, o melhor exemplo de ações injustas (*adikóteron*) e sanguinárias (*miaiphonóteron*).<sup>33</sup>

No conselho em que se reuniram vários representantes das cidades gregas para discutir o futuro da Jônia, que possuía a maioria de suas cidades governadas por tiranos sob o domínio persa, Milcíades de Atenas, comandante e tirano do Quersoneso do Helesponto, militou em favor da conquista da liberdade (*eleuthería*) da região. Histeu, tirano de Mileto, foi de opinião contrária e argumentou que o governo tirânico se sustentava através do apoio de Dario e, por outro lado, que a preferência popular era favorável à democracia. Disso, tem-se que o regime tirânico na Jônia era sustentado pelo apoio do despotismo persa e que a independência da Jônia possibilitaria a implementação da democracia. Prevalecendo a

---

<sup>32</sup> HERÓDOTO. I,59. Tradução de PIRES, F.M. *Op.cit.* p.179.

<sup>33</sup> *Ibidem.* V,92.

opinião de Histeu, Heródoto acrescenta que desde então os Cíatas passaram a considerar os jônios como os cativos, *douloi*, mais fiéis ao seu dono, ou *philodéspotoi*.<sup>34</sup>

Segundo Heródoto, foi Aristágoras, tirano que sucedeu Histeu no poder em Mileto, quem pôs fim à tirania nessa cidade e liderou a campanha contra o despotismo de Dario.<sup>35</sup> Depois, Aristágoras foi a Esparta pedir apoio político e militar a Cleômenes para livrar a Jônia da escravidão.<sup>36</sup> Para Heródoto, seria mais apropriado se Aristágoras dissimulasse a verdade, ocultando de Cleômenes a distância exata entre as duas cidades; [...] *ele nunca deveria ter dito a verdade, mas ele disse [...]*.<sup>37</sup> Cleômenes, informado de que gastaria três meses de jornada para chegar a Mileto, não é favorável ao empreendimento. Fica evidente, nessa passagem, que Heródoto é favorável às mudanças políticas na Jônia. Sua preferência pela liberdade em detrimento do despotismo e da tirania é explicitada na medida em que dissimular a verdade seria, para o historiador, a melhor opção. Nesta passagem a verdade não é um fator relevante, mas é relativa aos interesses políticos em questão, ou seja, tornar a Jônia livre da tirania e do despotismo persa.

Sobre a Revolta Jônica, outra suposição que pode ser apontada é o fato do assunto se referir também à história de Halicarnasso, tendo em vista o fato de esses acontecimentos remeterem a um passado intimamente relacionado com o estado político presente do próprio historiador, ou seja, sua condição de exilado.<sup>38</sup>

Heródoto tinha razões bastante consideráveis para fazer-se ouvir e não poderia deixar de expressar sua opinião a respeito da disputa política nas cidades da Jônia, pois

---

<sup>34</sup> Ibidem. IV,137 e 142.

<sup>35</sup> Ibidem. V,36.

<sup>36</sup> Ibidem. V,49.

<sup>37</sup> Ibidem. V,50. “[...] *he should never have told the truth; but he did tell it [...]*”.

além de ser um assunto urgente por se tratar da *eleuthería* dos filhos da Hélade, como diz Aristágoras,<sup>39</sup> era uma questão estratégica no desenrolar da disputa entre gregos e bárbaros, tema político-militar abordado na sua obra. As ocorrências de oposição entre as palavras *eleuthería* e tirania são encontradas em maior número no livro V, em que Heródoto relata a Revolta Jônica, e indicam que a tirania tornou-se um governo ilegítimo, ou seja, não contava com apoio popular.

Segundo K. H. Wathers, na exposição de Heródoto não há evidências de que ele tenha preferência por uma teoria política.<sup>40</sup> Por outro lado, diz Wathers,

Heródoto não pode ser acusado nem por falta de interesse, nem por falta de entendimento de política; mas devemos tê-lo como recusando a interpretar fatos à luz de uma teoria política, moral, filosófica, ou religiosa. Seu interesse primeiro, é de um historiador narrativo, baseado em seus eventos históricos e sua causalidade.<sup>41</sup>

Para ler Heródoto é importante ter sempre em perspectiva que o *nómos* é uma referência indispensável. *Nómos* é o princípio em que Heródoto busca a inteligibilidade dos acontecimentos, é o fundamento da política grega que neste momento histórico não se apresenta como uma teoria totalmente definida, fechada, mas como uma prática cotidiana baseada em princípios jurídicos, em leis.

A política, no contexto grego do séc. V a.C., é uma prática que se define no cotidiano das cidades, é uma construção diária em que o *nómos* é referência. Portanto, é bastante passível de discussão a afirmativa de que na narrativa de Heródoto os eventos históricos e suas causas estão dissociados, ou melhor, não são abordados à luz de uma

---

<sup>38</sup> WATERS, K. H. "Herodotus and Politics." In: *Greece and Rome*, XIX, 1972. (p.136-150) p.138.

<sup>39</sup> HERODOTO. V,49.

<sup>40</sup> WATERS, K.H. *Op.cit.* p.149-150.

<sup>41</sup> *Ibidem.* p.150.

teoria política. Como explicar a expressão *governava à maneira de um tirano*?<sup>42</sup> Heródoto não esquematizou uma teoria para definir as diferentes formas de governo, mas não há dúvidas que em sua narrativa ficam explícitas as diferenças fundamentais entre essas formas e, ainda, sua preferência pela liberdade que a *isonomia* proporciona em detrimento das formas despóticas de poder.

Tanto para Legrand quanto para Romilly, a opção política de Heródoto pode ser identificada na leitura de sua obra. Segundo Romilly, o contexto das guerras contra os persas provocou uma mudança na abordagem dos acontecimentos que antes estavam relacionados com determinada família ou cidade e passam a se identificar com uma visão que engloba de um lado os gregos e de outro a ‘massa’ do império persa. Além disso, acrescenta a autora, esse contexto desencadeou o aparecimento de ideais políticos, como a defesa da liberdade e a ajuda mútua entre as cidades, além de uma história crítica, centralizada no presente e na política. E, por fim, o pensamento político expresso na obra de Heródoto, de maneira simples e forte, é de hostilidade à tirania e o de estar convencido dos benefícios da liberdade.<sup>43</sup>

Como identificação política de Heródoto com a liberdade defendida pelos gregos, Legrand cita vários exemplos, como a seguir: os gregos disputam as olimpíadas não por dinheiro, mas por coroas de louro, ou seja, *perì aretès*, pela glória, pelo valor; demarcando uma diferença de valores frente aos bárbaros,<sup>44</sup> os lacedemônios não se prostram, no sentido de adorar, a nenhum senhor; [...] *fall down and do obeisance to the king [...] they*

---

<sup>42</sup> HERÓDOTO. I,64.

<sup>43</sup> ROMILLY, Jaqueline de. *Fundamentos de Literatura grega*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.p.85-91.  
LEGRAND, Ph-E. *Hérodote. Introduction notice préliminaire sur la vie et la personnalité d'Hérodote et sur la présente édition*. Paris: Les Belles Lettres,1932. p.9-10, 94.

*said they would never do that [...] not their custom [νόμοι] to do obeisance to mortal men [...];*<sup>45</sup> o único senhor dos gregos é a lei, *despótes nómos;*<sup>46</sup> os bárbaros, são os que nunca experimentaram a liberdade;<sup>47</sup> e, finalmente, há o discurso do ateniense Alexandre, em que considera os gregos amantes da liberdade.<sup>48</sup>

Norma Thompson reafirma a importância da prática nesse momento de formação da comunidade política, em que o falar adquire grande importância. O filósofo, o historiador ou o poeta deve ter ouvidos para ouvir, olhos para ver e uma mente atenta e aberta para assimilar e trazer à tona as informações transmitidas oralmente. Esses são os elementos indispensáveis para a apreensão da política nesse momento da história.<sup>49</sup>

Plescica define que *nómos* em Heródoto está diretamente relacionado ao ambiente natural – *phýsis* - da região, pois existe a influência deste não apenas na constituição física do homem, mas também no seu comportamento e em suas instituições sociais. *Nómos*, ou complexo de costumes e instituições, conseqüentemente, é o resultado da interação da natureza, *phýsis* e da razão prática – *sophía* - do *éthos* habitual da região. Isso expressa a sabedoria do povo e explica porque o *éthos* é o rei.<sup>50</sup> Heródoto, entretanto, não estabeleceu apenas a relação entre *phýsis* e *nómos*, mas investigou qual o melhor *nómos*, e ele concluiu que é a liberdade política encontrada na igualdade perante a lei, *isonomía*.<sup>51</sup>

---

<sup>44</sup> HERÓDOTO. VIII,26.

<sup>45</sup> Ibidem. VII,136.

<sup>46</sup> Ibidem. VII,104.

<sup>47</sup> Ibidem. VII,135.

<sup>48</sup> Ibidem. VIII,143.

<sup>49</sup> THOMPSON, N. *Op.cit.* p.163.

<sup>50</sup> PLESCIA, J. "Herodotus and the case for eris (strife)." In: *Parola del passato*, XXVII, 1972. (p.301-311) p.303. O autor refere-se às palavras de Píndaro reportadas por Heródoto em III,38.

<sup>51</sup> Ibidem. p.302.



De modo geral, Heródoto não tem como objetivo principal em sua narrativa fazer julgamento moral das formas de poder ou dos costumes. De fato, a interpretação correta sobre a narrativa de Heródoto nesse aspecto é, como ressalta Wathers, que não existe preconceito ideológico por parte do historiador.<sup>52</sup> O exemplo que melhor expressa a imparcialidade de Heródoto diante das diferenças políticas e culturais é:

Se propusesse, fosse a quem fosse, que escolhesse, dentre todas as tradições culturais, as melhores, cada um, depois de refletir maduramente, escolheria a sua própria, convencido que está de que a tradição em que nasceu é de longe a melhor.<sup>53</sup>

A leitura dessa passagem revela que não existe, de fato, preconceito ideológico por parte do historiador e também que havia uma concepção clara sobre a importância do *nómos* no entendimento das ações humanas. Portanto a instituição de leis encontra-se, sobretudo, vinculada às práticas, aos costumes inerentes a cada sociedade em questão. O tipo de governo e suas instituições são uma consequência direta do *nómos* que possui um movimento da base ou do povo para o poder, pois é a legitimação do poder. Nesse sentido, não seria aceitável desvincular *nómos* de política. Portanto, quando Heródoto identifica o melhor *nómos*, refere-se também à melhor forma política.

Se existe por um lado uma intervenção direta do historiador em momentos importantes como em VII,139, ou em V, 49, 66 e 78, em que sua preferência política fica evidente, por outro, de acordo com Wathers, Heródoto permite que outros personagens critiquem o despotismo,<sup>54</sup> mas ele mesmo não oferece nenhuma crítica explícita a respeito da maneira persa de governo. Nesse sentido, o *nómos* dos persas pode prover uma defesa válida das ações dos reis persas. Wathers conclui que o interesse de Heródoto não parece

---

<sup>52</sup> WATHERS, K.H. *Op.cit.* p.141.

repousar no tipo de governo ou suas instituições. O caso da constituição de Clístenes em Atenas - governo ‘ancestral’ que desempenhou papel dominante na história tradicional do período de 510 a.C. - deveria ser suficiente para provar essa negativa.<sup>55</sup>

Heródoto relata em V, 66, que Atenas cresceu muito depois do fim da tirania, mas havia dois indivíduos lutando pelo poder: Clístenes, do clã alcmeônida e que tinha a reputação de ter subornado a Pítia; e Iságoras filho de Tessandro. Essa última casa citada tinha grande reputação, mas seus antecedentes eram desconhecidos pelo autor, que acrescenta que quando Clístenes se viu ameaçado, se aliou ao povo e promoveu as mudanças. Isoladamente, essa passagem pouco expressa a opinião do historiador. Mas se analisada em conjunto com as outras aqui citadas sobre a instauração da democracia em Atenas, ela pode ser lida como uma reafirmação da preferência política de Heródoto. Por outro lado, se, de fato, as informações advindas de Heródoto sobre as reformas de Clístenes são insuficientes para se ter um quadro institucional elaborado sobre a democracia em Atenas, essas são preciosas na medida em que é Heródoto a fonte mais rica sobre o assunto.<sup>56</sup>

De fato, não existe na obra de Heródoto uma elaboração teórica sobre as formas de poder; nesse sentido Wathers tem razão. Mas é preciso ler a obra *Histórias* à luz das formas de representação e expressão do pensamento vigentes no período de sua composição, ou seja, a partir da estrutura formada por diálogos argumentativos em que as práticas políticas são disponibilizadas à apreciação do ouvinte-leitor. As *Histórias* são como uma assembléia

---

<sup>53</sup> HERÓDOTO. III,38. Tradução de SILVA, M.F. e ABRANCHES, C. *Op.cit.*

<sup>54</sup> Ver especialmente HERÓDOTO. V,92.

<sup>55</sup> WATHERS, K.H. *Op.cit.* p.144-145.

popular, em que as opiniões são colocadas no centro, e o ouvinte-leitor é convocado a expressar seu voto.

Se na forma de intervenção direta a opinião do autor é colocada em primeiro plano, numa segunda estratégia narrativa Heródoto dá voz a personagens históricos, que, entretanto, encontram-se envolvidos em acontecimentos nem sempre passíveis de uma verificação ou afirmação de sua autenticidade. Muitas são as ocorrências de narrativas em que se evidencia a presença de contos populares como base informativa para o historiador. Alguns exemplos como a história do anel de Polícrates, do nascimento de Ciro, do encontro de Sólon e Creso, dentre outros, indicam que grande parte das informações recolhidas pelo historiador durante suas viagens possuem caráter popular, ou seja, fazem parte de uma cultura oral transmitida de geração para geração, e formam um complexo que se constitui por heranças e mudanças em relação às crenças religiosas e/ou políticas.

Segundo Dodds, *um novo padrão de crença muito raramente apaga por completo o padrão anterior: tanto vive o antigo no novo como um elemento [...] como persistem os dois lado a lado.*<sup>57</sup> Nesse sentido, Immerwahr considera que esse material tido como ficção ou literatura não é apenas decorativo nem uma divagação irrelevante, mas constitui um espelho da cultura grega.<sup>58</sup> Contrariamente à concepção de que as construções (consideradas) literárias de Heródoto não dizem muito sobre a história e pouca importância possuem para o entendimento da concepção política do historiador,<sup>59</sup> propõe-se demonstrar a partir da análise de algumas passagens, tendo em vista o conjunto da obra *Histórias*, que

---

<sup>56</sup> Vale conferir que Aristóteles em sua obra “Constituição de Atenas” utiliza as informações de Heródoto como base referencial sobre o assunto.

<sup>57</sup> DODDS, E. R. *Os gregos e o irracional*. Lisboa: Gradiva, 1988. p.194.

<sup>58</sup> IMMERWAHR, H.R. *Form and thought in Herodotus*. Georgia: Scholars Press, 1986. p.214.

elas informam sobre a concepção política e social do historiador e indicam a existência de uma nova estrutura, própria do século V a.C., de ordenamento e expressão do pensamento. Essa estrutura se revela como um trabalho de arte complexo e altamente organizado, constituindo uma unidade.<sup>60</sup> Nesse sentido, tem-se que todas as partes da obra possuem igual importância, ou seja, possuem uma relação de interação e não de subordinação, segundo Cobet.<sup>61</sup>

Nessa nova estrutura composta de um encadeamento de 'lógoi' e que denomina-se investigação, ou história, coexistem, de fato, resquícios da época anterior, principalmente em relação às concepções gerais e à escolha temática: *Ele faz parte da tradição dos poetas gregos de fazer conviver uma dupla causalidade: divina e humana.*<sup>62</sup> Mas é a tragédia que impõe maior influência à estrutura narrativa e ao conteúdo temático das *Histórias*. De acordo com Jacqueline de Romilly,

A tendência a representar os fatos pela encenação de personagens em ação é o elemento fundamental da tragédia, e esta é, para os gregos, a obra literária por excelência. É preciso acrescentar que a própria epopéia, por mais narrativa que fosse, era objeto de declamações mais ou menos gestuais e expressivas, que a aproximavam da tragédia. Finalmente, devemos observar que, no século IV, quando essas formas de arte deixaram de ser as mais importantes, a maior parte das obras que exprimiam idéias políticas, morais ou filosóficas passaram a ser apresentadas sob a forma de relatos pretensamente históricos, ou de diálogos que encenavam personagens. [...] Em alguns escritores, essa tendência conjuga-se com outra, não menos importante, que consiste em sugerir, nesse quadro de aparência totalmente objetiva, relações acessíveis apenas aos mais atentos.<sup>63</sup>

---

<sup>59</sup> WATERS, K. H. *Op. cit.*

<sup>60</sup> IMMERWAHR, H. R. *Op. cit.* p.306.; VERDIN, H. *Op. cit.* p.670.

<sup>61</sup> VERDIN, H. *Op. cit.* p.671.

<sup>62</sup> ROMILLY, Jacqueline de. "La vengeance comme explication historique dans l'oeuvre d'Herodote." In: *Revue des études grecques*, LXXXIV, 1971. (p.314-337) p.335; SAID, S. *op. cit.*

<sup>63</sup> ROMILLY, Jacqueline de. *História e Razão em Tucídides*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

Uma composição em forma de diálogo, exemplar para uma discussão sobre a natureza histórica, literária e política da obra de Heródoto é, sem dúvida, o debate constitucional da assembléia dos sete persas.<sup>64</sup> Paradigmático pelo seu conteúdo político e também por seu caráter tido como literário, o debate entre os sete conjurados persas visa a escolha da melhor forma de governo - e aqui Heródoto dá voz às personagens para que o leitor *ouça* o debate. Muito se discutiu a respeito da autenticidade desse acontecimento. A princípio, não se pode afirmar que o debate dos conjurados persas aconteceu ou que é uma composição literária de Heródoto. Estudos indicam que é bastante provável que seja mesmo uma composição literária, principalmente pela utilização da terminologia e de gestos gregos, como por exemplo a expressão *es méson*.<sup>65</sup> Mas interessa aqui, sobretudo, entender a concepção de Heródoto sobre *eleuthería* e *isonomía*, a partir do vocabulário político presente nas *Histórias*. Se de fato o debate é uma composição literária do autor, cabe interrogar o propósito de sua existência em forma de narrativa em discurso direto.

O primeiro a expor sua opinião no debate é Otanes, que desqualifica a monarquia e a tirania utilizando como principal argumento o desrespeito aos costumes ancestrais, a condenação sem direito a julgamento, ou seja, ações desmedidas, insolentes, *hýbreis*, freqüentes na forma absoluta de poder, e cita como exemplo as atitudes de Cambises e Esmerdis. Para Otanes a melhor forma de governo é a *isonomía* (igualdade perante a lei), o mais belo de todos os nomes, *ónoma pánton káliston*. Na *isonomía* os cargos públicos são

---

p.62-63.

<sup>64</sup> HERÓDOTO. III,80-83. Segundo Wells, as informações sobre o debate dos sete conjurados e outros acontecimentos relativos à história da Pérsia foram passadas por Zóspiro, persa que Heródoto teria encontrado em Atenas por volta de 440 a.C. WELLS, J. "The persian friends of Herodotus." In: *Journal of hellenic studies*. v. CXI.) London, 1907. p.44-45.

<sup>65</sup> SILVA, M.F. e ABRANCHES, C. *Op.cit.*. p.109-115.

atribuídos por sorteio, o poder é exercido segundo uma prestação de contas e as deliberações são expostas à comunidade.<sup>66</sup>

Megabizos, o segundo a falar, defende a oligarquia. Sua teoria é que tanto o tirano quanto o povo, quando possuem o poder, agem com insensatez, *hýbris*. Já para Dario, a monarquia é a melhor forma de poder. Seu principal argumento, a liberdade (*eleuthería*), surpreende. Recorrendo à memória de Ciro, ele lembra que a independência do povo persa da submissão aos medas não é resultado de uma democracia, nem da oligarquia, mas da monarquia; afinal os persas foram libertados pela ação de um homem, *eleutheroténtas dia hena ándra*. A liberdade é exaltada em favor da permanência do *nómos* - costume ancestral persa - e a monarquia como forma de governo mais adequada aos persas. Com relação à tirania, Dario não desenvolve comentários. Por fim, a argumentação de Dario em favor da Monarquia, construída tendo como base de sua sustentação o *nómos* e a *eleuthería*, é a mais convincente, uma vez que é aceita pelos demais participantes, exceto Otanes.

Segundo Wathers, a opção de Heródoto em fazer a inclusão do debate dos conjurados persas em sua narrativa deve-se ao interesse sobre a política grega (e não persa) de então.<sup>67</sup> O debate, no entanto, reforça a idéia de que existe na obra de Heródoto uma relativização da verdade na medida em que aponta para uma idéia de liberdade pautada por costumes politicamente diferentes da concepção grega. Para dizer de outra forma, o debate dos sete persas é um exemplo significativo de que concepções teóricas sobre política ou cultura são relativas ao contexto de sua produção, à sua prática. No debate fica explícita a

---

<sup>66</sup> [...] *All offices are assigned by lot, and the holders are accountable for what they therein; and the general assembly arbitrates on all counsels.* [...] HERÓDOTO. III,80.

<sup>67</sup> WATHERS, K.H. *Op.cit.* p.141.

idéia de que a liberdade para um persa é relativa a uma tradição construída a partir da monarquia, contexto político bastante distinto daquele de Atenas, em que a liberdade é uma conquista advinda com o fim da forma despótica ou tirânica de poder, [...] *es tàs Athénas genoménas tiránnon óde eleuthéras.*, ou ainda, [...] *hos tiránnon eleutherótesan Athenaíoi.*<sup>68</sup>

Se existe uma comprovação histórica do desfecho do debate, ou seja, a escolha de Dario como representante monárquico do povo persa, e se os diálogos de Otanes, Megabiso e Dario são uma composição literária do autor, tem-se que Heródoto *não subverte a verdade histórica, mas adorna-a.*<sup>69</sup> Os diálogos são uma forma de representação de uma realidade - falam sobre modos gerais de *viver um mundo*. Considerando ainda a reafirmação que Heródoto faz sobre a autenticidade,<sup>70</sup> pode-se concluir que não existe a intenção de subverter a verdade histórica mas informar e colocar em pauta as diferentes formas de pensamento e atitude diante dos acontecimentos. Em um sentido mais amplo, Fornara diz que [...] *a obra de Heródoto se endereça, exclusivamente, aos seus contemporâneos, ele se sente responsável pelas questões mais atuais de sua época.*<sup>71</sup> Verdin acrescenta que esta preocupação de Heródoto não pode ser perdida de vista durante a leitura de seu texto.<sup>72</sup>

De fato, o debate em torno das concepções políticas está presente na vida do grego do século V a.C., mas a relação estabelecida entre liberdade e monarquia explícita na fala

---

<sup>68</sup> HERÓDOTO. V,55 e 62.

<sup>69</sup> WATHERS, K.H. *Op.cit.*, p.141.

<sup>70</sup> HERÓDOTO. VI,43.

<sup>71</sup> VERDIN, H. *Op.cit.* p.678.

<sup>72</sup> *Ibidem.*

de Dario traduz uma realidade persa. Portanto, deve-se enfatizar que a relação estabelecida pelo historiador com seu público é pautada, sobretudo, na diversidade de culturas e na demarcação das diferenças entre elas. Se a liberdade do povo persa possui implicações históricas ligadas à monarquia a partir de Ciro, essa verdade, presente na fala de Dario, só é verificável no contexto persa. No pensamento grego do século V a.C. a liberdade encontra-se historicamente vinculada à deposição da tirania e à implementação da *isonomia*. E essa verdade inerente ao contexto histórico grego está representada pela voz de Otanes.

Segundo Hartog as *Histórias* fazem crer que a diferença entre gregos e persas é de poder e que: *O código do poder é uma sorte de cadeia, através da qual pode passar a trama da narrativa, sendo a figura imaginária do déspota, ao mesmo tempo rei e tirano, um dos efeitos simbólicos que o texto produz.*<sup>73</sup> Dizer o outro é fazer ver que a diferença mais profunda é política, ou seja, *isonomia* opõe-se à monarquia-tirania.<sup>74</sup> Heródoto faz seu ouvinte-leitor acreditar nessa diferença política e utiliza para tal propósito os diálogos, seja exprimindo sua opinião ou permitindo a expressão - de forma direta - da opinião de outrem.

Segundo Lateiner, Heródoto compartilha os pontos de vista de Otanes, não porque ele endossa a ideologia da democracia, mas porque as proposições de Otanes favorecem a preservação do *nómos* político e social e um governo regido por instituições e não pela inconstância absurda dos indivíduos. A proposta de Otanes promove a autonomia individual dentro do contexto político. Essa posição demonstra, de forma igual, admiração por Esparta e por Atenas. Os espartanos auto-governam-se e são livres dentro de claros e

---

<sup>73</sup> HARTOG, François. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p.341.

<sup>74</sup> *Ibidem*. p.367.



estáveis limites, dentro do *nómos*, o déspota que impõe maior respeito a eles do que Xerxes. Este louvor do poder déspota da lei e do costume em Esparta funciona enquanto atende às necessidades e particularidades espartanas. Atenas aparenta ser o tipo de comunidade que estava prosperando e rapidamente tornou-se grande, especialmente por causa da liberdade e do governo constitucional. A liberdade dos atenienses é consonante com o *nómos*; ele reconhece limites, impõe obrigações.<sup>75</sup>

Ainda de acordo com Lateiner, o debate constitucional é um marco porque forma uma expectativa sobre as três formas de governo. É também um seminário em teoria política que se apresenta como uma confrontação dramática, o que não significa, entretanto, que Heródoto transforma a história em ficção. Para o autor, as induções racionais são baseadas em observações amplas relatadas nas narrativas. As tiranias persa e grega não são meramente representantes de um tipo conhecido. São personagens históricos que moldam e fazem com que Heródoto generalize o perfil do poder sem limites. No entanto, Heródoto não encontrou uma terminologia abstrata e teórica para explicar os tipos de governo praticados até então.<sup>76</sup>

São preferíveis então, no contexto do presente trabalho, as argumentações de Lateiner e de Hartog, àquelas de Wathers, que não vê em Heródoto uma análise dos acontecimentos teórica ou politicamente embasada. Heródoto, realmente, não desenvolve, nos moldes modernos, uma teoria política, mas há uma descrição consistente e iluminadora das diferenças entre as práticas de poder então vivenciadas pelas diferentes comunidades. Então, se uma teoria não é explicitada, ao menos o historiador nos fornece instrumentos

---

<sup>75</sup> LATEINER, D. *The historical method of Herodotus*. Toronto: University of Toronto Press, 1991. p.185.

para uma análise teórica. Além disso, Heródoto expõe claramente sua opinião a respeito das formas de governo apresentadas, seja diretamente, ou pela voz de suas personagens.

Outro diálogo importante para compreender a visão política de Heródoto é a fala de Demaratos ao soberano Xerxes. A fala de Demaratos é particularmente importante pelo fato de ser direcionada ao convencimento de seu ouvinte através da enfática utilização de *alétheia*. No primeiro momento da fala, Demaratos afirma que falará de acordo com a verdade, *alétheia*.<sup>77</sup> E depois reafirma a veracidade de sua fala, acrescentando ao soberano que, mesmo sabendo que a verdade não o agradaria, é seu dever informá-lo sobre os gregos que, embora pareçam livres, não o são totalmente, pois existe um soberano para eles: a lei.<sup>78</sup> A quem é endereçada a fala de Demaratos? Diretamente, sua fala é dirigida a Xerxes, mas indiretamente ao ouvinte-leitor de Heródoto. O diálogo visa convencer o ouvinte-leitor de que mesmo não agradando com as palavras que diz, Demaratos sente-se forçado a dizer a verdade, uma vez que está cumprindo uma ordem de Xerxes.

A exposição de Sócles sobre a cidade de Corinto é mais um exemplo de diálogo sobre a liberdade em oposição à tirania em que a palavra é dada a uma personagem das *Histórias*. A fala de Sócles constitui um dos capítulos mais extensos de toda a obra de Heródoto e comporta informações sobre as práticas tirânicas em que fica evidente a supressão de qualquer referência aos costumes e às leis, ao *nómos*. Se a descrição sobre as ações dos tiranos de Corinto visa convencer os Lacedemônios a não instaurarem essa forma de governo em sua cidade, ela atinge também o ouvinte-leitor de Heródoto que, de fato, é

---

<sup>76</sup> Ibidem. p.186.

<sup>77</sup> HERÓDOTO. VII,102.

<sup>78</sup> Ibidem. VII,104. *Free they are, yet not wholly free; for law is their master, [...]*.Loeb, Tradução de A. D. Godley.

convencido de que a tirania não é uma prática aceitável, uma vez que os costumes não são respeitados.

Segundo Sócles, a forma de governo em Corinto era a oligarquia, e o poder estava concentrado na casa dos Báquidas. Anfion, um deles, tinha uma filha coxa, cujo nome era Labda. Ao consultar os oráculos a respeito da descendência de Labda, Eécion, seu esposo, obteve duas respostas. A primeira dizia que Labda trazia no seio uma grande pedra que acabaria com a monarquia e faria justiça em Corinto. A outra fazia referência ao nascimento de um leão, símbolo de domínio pela utilização da força. Os feitos de Cípselo relatados por Sócles, confirmam as previsões, a tirania em Corinto é caracterizada, de fato, pela violência que se intensifica no governo de Periandro.

Outras duas referências à figura do leão são significativas na obra *Histórias*. Uma refere-se a Hiparco, filho e sucessor de Pisístrato no poder em Atenas. Segundo Heródoto, Hiparco, após a morte de seu irmão Hípias, passou a agir com o máximo rigor, de modo mais tirânico do que antes.<sup>79</sup> Através de um sonho, Hiparco tem a visão de um homem que lhe dirige as seguintes palavras: *Leão, suporta com valor sua intolerável aflição. Nenhum homem pode escapar da vingança pelas injustiças cometidas.*<sup>80</sup> O leão, que neste contexto se identifica com aquele que pratica ações injustas, é uma representação simbólica do tirano Hiparco. Tem-se, então, duas associações da tirania à figura do leão.

Enfim, é possível identificar, através da previsão oracular sobre o nascimento de Péricles, que existe uma associação deste com o simbolismo inerente ao leão. Agarista é informada através de um sonho que daria à luz um leão; dias depois nascia Péricles.

---

<sup>79</sup> HERÓDOTO. V,55.

Heródoto não faz referência às ações de Péricles, enquanto líder em Atenas. Existe um silêncio do historiador sobre este importante personagem político nas relações internas e externas da cidade. O papel político desempenhado por Péricles em relação à Liga de Delos e, principalmente, na guerra entre Atenas e Esparta é de fundamental importância histórica, mas Heródoto se cala. O silêncio é suficientemente grande para que se aceite a explicação pelo corte cronológico. Se de fato não era a intenção de Heródoto relatar os acontecimentos posteriores à guerra entre bárbaros e gregos, e, levando-se em consideração que o historiador já reunira um amplo material relativo às proposições de seu empreendimento, mesmo tudo isso não justificaria a total ausência de informação a respeito de Péricles. O silêncio assume aqui uma função política. Se Heródoto revela sua preferência pela *isonomía*, demonstrando sua admiração pelos feitos dos atenienses na guerra e pela utilização que fizeram das armas ou das “armas do *lógos*”, e se ainda procura demonstrar que as reformas efetuadas por Clístenes proporcionaram a ampliação do espaço participativo, o silêncio relativo à Péricles é um indício de sua desaprovação das práticas políticas características desse líder. A imagem que Heródoto deixou de Péricles é a do leão, imagem que causa inquietação àqueles mais atentos às questões políticas e desconforto àqueles que acreditam na liberdade e na igualdade.

*Eleuthería* aparece na narrativa de Heródoto como um elemento constante na relação entre o historiador e seu ouvinte-leitor. É, também, uma preocupação temática central de sua obra: a guerra entre gregos e bárbaros é, em outras palavras, a luta pela conservação da liberdade e autonomia das cidades-estado da Hélade. *Isonomía*, a palavra

---

<sup>80</sup> Ibidem. V,56.

mais bela segundo Otanes, encontra-se persistentemente presente na relação entre Heródoto e seu público, estabelecida pelo diálogo que tem seu ápice na argumentação. *Alétheia* se revela como uma palavra-diálogo em que a liberdade de expressar opiniões diferentes é uma condição indispensável num regime igualitário. A *alétheia* enquanto opinião, *dóxa*, está submetida a *Peithó* e requer sempre um posicionamento daquele que a recebe. Termo do vocabulário político, *dokeîn*, em Heródoto, é o verbo da decisão, também responsável pela secularização de *alétheia*. Nestes termos a verdade é, sobretudo, um convite à ação inserida no tempo profano.

Heródoto retoma a função do poeta ao conservar a memória dos acontecimentos. Porém, sua palavra é laicizada, inscrita no tempo e possui autonomia, rupturas que conferem à cidade um novo tipo de memorial construído pelo *lógos*. A verdade nas *Histórias* é pautada pela opinião do narrador, daquele que discursa. O texto de Heródoto é um discurso do particular que reconhece, na diversidade cultural, a expressão (em uma condição de igualdade e liberdade) das diferenças. Sua narrativa é um constante diálogo em que as diferentes opiniões sobre um assunto são expostas ao seu destinatário, o ouvinte-leitor, seja pelas palavras do historiador ou pela voz de suas personagens. Por sua vez, o destinatário, ao recebê-las, é convidado a também manifestar sua opinião. É esse diálogo intenso entre Heródoto, as personagens de suas *Histórias* e seu ouvinte-leitor, que produz um efeito de assembléia popular realizada em uma comunidade política pautada pela democracia

A opção política do viajante e historiador de Túrio pode ser identificada através da manifestação de sua opinião pessoal, em que *a igualdade é uma instituição virtuosa*<sup>81</sup>. Heródoto ainda lança mão do recurso discursivo em que as diferentes versões são apresentadas pelo fazer ouvir os personagens de suas *Histórias*, como que eliminando, pela presença imbricada dos diversos narradores, uma pretensão de verdade absoluta.

---

<sup>81</sup> HERÓDOTO. V,66.